

MOISÉS NETO

UM CERTO
DELMIRO GOUVEIA

“UM CERTO DELMIRO GOUVEIA”

peça teatral de Moisés Neto vencedora do prêmio de dramaturgia promovido pelo Governo do Estado de Pernambuco em 1986

ABERTURA. UM NEGRO CANTA:

O Recife tem ... Machine Pump!
Coisa de primeira
Tantos ingleses! só uma latrina
é a Maxambomba!
No entra e sai, que vai do Recife a Dois Irmãos,
ninguém mais sonha nem dorme mais cedo com o barulhão!

REFRÃO: A Ma-xam-bom-ba(repete)
é o carnaval de rua animação da cidade
Ah, este trem. Onde se senta e já se desce
E que vem ra que vem rasgando mil oitocentos e sessenta e sete
É a Maxambom-bom-bom-bom-bom-bomba!
vem Iaiá, vamos logo pra Caxangá
também tem bonde, puxado a burro
e chegou o telégrafo, vem ver só, Iaiá: eu juro!
Viva o Império! Viva Dom Pedro segundo
abençoando a evolução do mundo!

Tem fábricas, tem progresso
mas a pobreza ainda é o maior sucesso!
Quando o trem passa sempre se vê, que esquisitice!
variola, febre amarela, tuberculose e muita fome e burrice!
sempre se vê...das janelas da maxambomba
Num trem tão doido, lá vai o nosso general
Abreu e Lima quer socialismo para quê?
Se da Maxambomba, um novo mundo só é o que se vê

enquanto isso, **Recife**, lá na rua do progresso, num vai-e-vem
tornou-se **órfão**, um passageiro deste trem
ai que suspiro, pobre **Delmiro**! Bastardo destino! Oh, não!
com pouca idade tentar carreira. Mas não ficaria atrás de um balcão
Para ficar rico, vai negociar peles no sertão.
Peles dão lucro e lá vai o nosso herói: ah, o Nordeste! Em lombo de cavalo
e burro,
Ah, meu irmão se leva cada tropeção!
Todo de branco, o fraco esperto engordou e fez fortuna. Eu juro

E veio a República e a abolição da escravidão

E Delmiro, casou com Iaiá. Tanto casório, pra pouco fuá!
Enriqueceu. E é um encanto para as meninas
Quando ele passa em Santo Amaro das Salinas
Quando ele passa em Santo Amaro das Salinas!(repete)

IRMÃ HELENA - Minhas irmãs, sinceramente eu não sei como me resolver esta *missão*, a qual, devoto minha vida, minha humilde vida, que é a prática da lei divina. Minha filha seja breve, mesmo uma religiosa como eu e ciente dos poderes do senhor, fica impossibilitada de agir com um ambiente desses. Carmen: você já está bêbada uma hora dessas. Lembre-se de Maria Madalena ...

MARIA CIGANA - Não precisa falar tão firme falando desta casa. Tudo que temos aqui foi comprado com trabalho. Dona Carmem nos trata muito bem. Aqui não tem menina doente e todas nós vamos garantir nosso futuro E muito homem ganha vida nova aqui.

IRMÃ HELENA – Sim. Eu sei: a prostituição é a mais antiga das profissões .(suspira) Ah, o que pode uma velha como eu ensinar? Só que feitiçaria, sexo e álcool, vão lhe desgraçar Carmem. Quantas vezes eu lhe disse isso? Você se julga com direitos de interferir na vontade divina ou pelo menos “mostrar” ao homem seu futuro. Prender homem do seu lado. Por que não aceita Jesus

MARIA CIGANA – Jesus mora no meu coração, irmã Helena. E eu sei que a senhora me respeita. Por isso lhe chamei. Eu e dona Carmem, temos algo muito sério a lhe pedir. Muito sério!

IRMÃ HELENA – Seja o que Deus quiser

CARMEM – Somos todas filha de Deus não é irmã?

MARIA CIGANA – Não foi à toa que nos juntamos hoje.

CARMEM – Irmã Helena. É público e notório que eu sou amante de Delmiro Gouveia

IRMÃ HELENA – Um horror. Um homem casado. Devia se dar ao respeito! Todos sabem .Todos calam. Prossiga com o devido respeito. O que está acontecendo? É mais uma desgraça?

CARMEM – Infelizmente, é. Logo com Delmiro! Uma pessoa tão boa. Até com seu convento ele colabora. Não é mesmo?

IRMÃ HELENA – Muita gente colabora com nossa paróquia, na ajuda àqueles que precisam .Minha filha seja mais objetiva por favor.

CARMEM – Pois bem, eu, gostando muito dele resolvi amarrá-lo a mim, eu tenho meus encantos, apesar de não poder realmente “amar” ninguém posso ter meus favoritos.

IRMÃ HELENA – Ah! que conversa, meu Deus. Que é que você quer?

CARMEM – Que a senhora mande avisar a Delmiro Gouveia que está no Rio de Janeiro que se ele não se cuidar ele vai ser assassinado!

IRMÃ HELENA – Santo Deus como você pode saber disto?

MARIA CIGANA – Eu já tinha pressentido que algo de ruim estava para acontecer. Delmiro é muito atrevido (respira fundo) Então descobrimos com um dos homens que frequentam o

Lilás, o General Ambrosino Penaforte, que havia um plano para assassinar Delmiro! É informação confirmada.

CARMEM- Ele está no Rio de Janeiro. Temos que nos unir, irmã Helena. Temos que evitar esta tragédia. Tantos planos que Delmiro tem para o Recife. Eu já fiz até promessa. A senhora acredita?

IRMÃ HELENA – Acredito. Jesus seja louvado. O que eu devo fazer na opinião de vocês duas?

MARIA CIGANA – Ajude-nos a cortar esse mal pela raiz. É a família do Rosa e Silva. E tem outros interesses no meio também. Muitos outros interesses. Delmiro incomoda muita gente rica.

CARMEM- Um pobre que ficou rico trabalhando! Pernambuco não respeita este tipo de gente

IRMÃ HELENA – Eu vou procurar ajuda.

CARMEM – Tenho visto muita coisa. Posso lhe garantir irmã. O poder nessa terra só é exercido por duas famílias, eles tão com inveja do poder que Delmiro vem tendo, junto ao povo. Ele insulta o governador com essa história de que essa república que instalaram...ou melhor, *proclamaram* agora, foi só para livrar a culpa por uma nação de escravos, e burocratas semimortos que vendem a honra da nação por metade do que o próprio Judas aceitaria.

IRMÃ HELENA – Jesus! Você quer que eu denuncie o nosso governador à polícia?

CARMEM – Não precisa denunciá-lo. Mas, temos que fazer alguma coisa para impedir esta...injustiça! Este crime! Delmiro não pode morrer assim.

IRMÃ HELENA – Você não tem nenhum...freguês *influyente* ...? Que pudesse nos ajudar nessa hora de necessidade ?

CARMEM – Todas nós corremos risco de vida querendo ajudar esse homem. Muitas meninas dependem de mim...eu estou num mato sem cachorro. Se é que a senhora me entende...

IRMÃ HELENA – Pois bem, Carmem. Eu vou procurar avisar a algumas pessoas de minha inteira confiança, para que nos ajudem... no caso de se confirmarem estas suspeitas e que tomem as providências. Eu sei quem é Delmiro Gouveia e sei da importância deste homem para nossa cidade.

CARMEM – Está bem. Mande um moleque me avisar qualquer coisa por favor, estarei sempre ao final da tarde ,aqui, no Cabaré Lilás.

IRMÃ HELENA – Farei o que estiver ao meu alcance. Agora adeus, e, que Deus as abençoe!

CARMEM – Graças a Deus. Vamos acompanhá-la. Maria Cigana!

MARIA CIGANA- Sim?

CARMEM- Avise as meninas que abriremos dentro de uma hora. Quero todas no salão: prontas e perfumadas. Nada de atraso!

IRMÃ HELENA- Valha-me Deus! (saem)

Cena 2

(Entram Delmiro e um político)

DELMIRO – ... Odiar os fatos, é perder tempo, meu amigo, e tempo é dinheiro, então : os fatos é perder o dinheiro. Entendeu? E eu não gosto de perder dinheiro.Eu já fui pobre.Sei como a sociedade trata os pobres...

POLÍTICO – Acho que devemos tomar mais uma dose desse precioso líquido, onde o conseguiu? Nos dias de hoje é um milagre encontrar um desses. É inglês?

DELMIRO – Não! é americano. Legítimo!

POLÍTICO – Inacreditável! Eles não têm nada *legítimo*, pensei que a última coisa legítima dos Estados Unidos da América do Norte tivesse sido os (bebe o uísque) índios.E por falar em índios:sabe o que a índia velha disse para o português?

DELMIRO – Não.Nem quero saber!Você não se cansa de transformar tudo em piada? Você nunca vai conseguir a confiança do povo assim. Eu não acredito num homem que ri o tempo inteiro.

POLÍTICO– O Brasil ri o tempo inteiro.Quanto mais desgraça,mais esse povo faz piada.

DELMIRO- Eu não tenho muitos motivos para rir.Não é mesmo?

POLÍTICO – Por que não? Quando a vida parece uma comédia,é preciso saber rir dela.Você não acha engraçado nós dois trancados aqui dentro de um quarto em plena capital federal da “República dos Estados Unidos do Brasil” enquanto lá fora, tem um homem que traz no bolso uma ordem do governo para... lhe matar? (ri e bebe mais) e você (dá um charuto e pigarreia .Faz ares de *raposa velha*)...você,Delmiro Gouveia, vem me falar em confiança no povo! Na justiça no Brasil! E não quer que eu ria das piadas. (ri)

DELMIRO – Onestaldo!

POLÍTICO- Diga ,chefe.Estou às ordens.

DELMIRO- De quantos homens, você dispõe?

POLÍTICO– Cinco... sem contar comigo, que sempre estou pronto para uma *briguinha* limpa.

DELMIRO – É questão apenas de me proteger até, chegarmos até a polícia.Meu advogado está subindo com os documentos.

POLÍTICO – Muita gente já foi morta nos becos dessa cidade enquanto acreditava na justiça.Na polícia. A verdade é que ninguém está seguro nas ruas do Rio de Janeiro. E quanto ao chefe de polícia... você não devia confiar tanto nele. Ele é cria do conselheiro Rosa e Silva, quer dizer cria do Vice Presidente do País.

DELMIRO – Contando ninguém acreditaria que este velho, fez o que fez. (esboça um riso malicioso) Velho safado.É triste nascer num país que se alimenta de vermes como este para saciar sua fome de heróis! (dá um soco na palma da mão) Ah, maldito seja este... prepotente! Covarde...filhinho de papai.Tenho ganas de arrancar-lhe os...os...bem você sabe o quê!

POLÍTICO – Calma meu caro. Agindo assim você só vai piorar as coisas. Podemos sair dessa se contarmos com a ajuda das pessoas influentes.

DELMIRO – Pessoas influentes! Pessoas influentes! Olha aqui para eles! (faz gesto) Onestaldo: eu quero que se danem esses miseráveis!

POLÍTICO- Mantenha a calma.

DELMIRO- Por várias vezes tentaram me destruir, mas com a inauguração do mercado do Derby parece que eu consegui irritá-los de uma vez!Eles têm é *inveja*! *Inveja* de mim, porque o povo está do meu lado! Você não acredita nisto, Onestaldo?

POLÍTICO – O que é o povo diante do poder de um Rosa e Silva? Hein? Diga-me! Grite com todas as letras. Com toda a força dos seus pulmões: (ri) nada! Novos ricos como você eles pulverizam. Eles têm tradição. Você me entende?

DELMIRO – O diabo que os carregue!

POLÍTICO - Homem você esbofeteou o velhinho em plena praça pública. Isso vai ser considerado no mínimo covardia.

DELMIRO – Fui avisá-lo que os havia denunciado a polícia por tentativa de homicídio e o velhote riu e fingiu que não me ouvia. E começou a ridicularizar-me mais uma vez na frente de todos. Não agüento mais! Dei-lhe um tabefe. Tentando me fazer de idiota. Aquela víbora doente. O cínico!

POLÍTICO 1 – Amanhã você será notícia de primeira página em todo o País, você só tem a esperar o pior.

DELMIRO – Onestaldo ! Estou lhe avisando logo: e você me repetir esta frase outra vez eu lhe quebro a cara seu nojento. Eu não admito que me falem nesse tom. Nenhum homem tem a certeza da verdade.

POLÍTICO 1 – Só você, não é? Tão puro nesse terno branco e com esses sapatos de bico quadrado. Se enxergue meu senhor

DELMIRO – Hoje eu ditto a moda no Recife, todos usam colarinho a minha maneira. Tolos. Mal educados. Quanto ao branco, e os sapatos está mais de acordo com o nosso clima.

POLÍTICO 1 – Muitos zombaram de você ontem no teatro.

DELMIRO – Aduladores do Rosa e Silva! Mercenários de uma figa! Inconseqüentes. Eu pelo contrário, trago a *dignidade* nas veias. Tenho sangue de macho!

POLÍTICO 1 – A história que corre por aí é que... na sua família, tem muitos bastardos.

DELMIRO- Intrigantes!

POLÍTICO- Dizem que os homens da sua família sempre têm várias mulheres. E nunca chegam, realmente, a *constituir* um... lar. Se é que você me entende. Falo isso na intimidade. Porque sou seu amigo...

DELMIRO- Você é amigo do cão! Você está do meu lado porque eu lhe pago muito bem. Esta é a única voz audível neste país. A voz do dinheiro.

POLÍTICO- Mas você é mesmo um mal-agradecido! Eu fazendo tudo por você! E, só porque quero lhe abrir os olhos...Veja, Delmiro: não é que eu...dê *ouvidos* a esses mexericos.

DELMIRO – Não são mexericos e você sabe muito bem Não se finja de desentendido. (vai até o copo e enche com uísque) Sempre me passam isso na cara! (bebe) Meu avô, foi um revolucionário que lutou pela Paraíba até a morte. Meu pai morreu num combate corpo a corpo na guerra do Paraguai, lutas inglórias eu sei, mas lutas. É verdade que eu, minha mãe, ... *ilegítimos* . Mas isso acontece em todo o lugar. Exigir de um homem fidelidade a uma só mulher... Ah! eu estou cansado e essa bebida está me dando sono, não durmo há dois dias... Eu gostava muito da minha mãe. Quando meu pai morreu deixou duas viúvas e 7 órfãos. A família de meu pai enxotou-a como um cachorro doente, eu tinha 4 anos, ficamos de cara para o ar eu e ela (e minha irmã pequena). Mas ela ficou firme me lembro de quando um homem entrou em nossa casa um dia e cortou sua linda cabeleira com uma faca enquanto lhe dava chutes e nos insultava. Quando ela morreu, eu tinha 17 anos e uma vontade louca de vencer na vida. Nessas duas viagens que eu fiz à América do Norte pensei muito nela e as vezes quase a sentia. Era como se seu espírito me protegesse.

POLÍTICO 1 – Eu retiro o que disse, peço desculpas. Agora vamos embora. Encontraremos o advogado lá em baixo. Espero que ele nos livre desta encrenca terrível. Você tinha nada, que bater em Rosa e Silva!

DELMIRO- (bebe mais um gole) Deixe de histórias e vamos logo. Batem na porta. É um empregado do hotel com um jornal. Político vai pegar as notícias e mostra-as para Delmiro)

POLÍTICO- Olé só: falando no diabo, prepare o pau!

DELMIRO- Eu imagino o monte de asneiras e mentiras que estes jornalistas *vendidos* escreveram ao meu respeito

POLÍTICO 1 – Quer que eu leia ou você mesmo lê?

DELMIRO – Leia em voz alta e do jeito que quiser. Eu gosto. Vá.

POLÍTICO 1 – Pois bem. Aí vai: é uma carta do presidente, deve ter sido publicada as pressas, visto conter erro de ortografia na impressão, mal feita, diz o seguinte: “Gabinete do Presidente da República, rio, 18 de junho de 1899. Excelentíssimo Sr. Doutor Rosa e Silva. Acabo de ser informado do desagradável incidente de ontem, apresso-me a trazer a Vossa Excelência as expressões da minha mais alta completa solidariedade. Com a mágoa que lhe deve ter causado o estranho acontecimento, de resto sem o alcance quanto a pessoa de Vossa Excelência. Nem quanto ao prestígio moral do alto cargo de que Vossa Excelência se acha investido e que tanto tem sabido honrar. Queira receber os afetuosos cumprimentos de quem é com o mais alto apreço e estima, amigo e afetuoso admirador. Campos Sales”... e então. Gostou?

DELMIRO – Eu tenho um plano, desmascarar este sujeito.

POLÍTICO 1 – Incrível! Qual é?

DELMIRO – Vamos juntar seus homens. Iremos até a pensão onde está alojado o tal sujeito que veio de Pernambuco para me matar, tiraremos a carta de recomendação que trouxe, e a tornaremos pública. Deixaremos que o povo decida que espécie de assassinos elas encobrem.

POLÍTICO 1 – Não sei não... mas o tal bandido, não é *perigoso*?

DELMIRO – Não seja ingênuo meu caro. Já percorri Pernambuco inteiro nas costas de um animal, e depois por estrada de ferro, e ainda não vi um homem que me vencesse em astúcia. Eles me derrotam *temporariamente*. Mas ...(bebe) Deus *age* através de mim, e para me reerguer eu não preciso derrotá-los. Eu conheço o povo nordestino. Eu sei falar a língua deles! (político pigarria)

POLÍTICO- Temos que ser rápidos e achá-lo antes que fuja. Aquela carta vai me servir de prova em qualquer julgamento que por acaso seja submetido.

DELMIRO- Vamos logo então. (saem)

Cena 3

(Entra o povo do Recife)

7 de setembro de 1899.

REFRÃO: Que maravilha: Recife cresceu. Até que enfim
Ai, que maravilha, uma coisa assim! Pra você e pra mim.
As avenidas o mercado do Derby. Agora sim

Que maravilha: um presente de Deus e de Delmiro
Sabe o que mais? É a cidade que eu prefiro

Tudo tão barato. Coisas mudaram de fato e na raiz
Tudo tão bom. Coisas de Paris!

Chegou nosso momento *belle époque*
Tudo tão bom. Ai, meu Deus. Nem precisa retoque.

Cadê o esgoto? Delmiro tratou.
E toda a desgraça? O vento levou

Cadê a lama? Sumiu!
Queremos Delmiro, pra presidente do Brasil!

Vai ter cinemas. Teatro. Revista
É o sucesso: Ai, Jesus: Que Boa Vista!

Sete de setembro mil oitocentos e noventa e nove
Tudo brilhando. O progresso nos envolve.

DELMIRO – Hoje inauguro o hotel e o pavilhão de diversões. Que ficarão todos os dias abertos até altas horas da noite, assim como todo o mercado do Derby que é feito para o povo do Recife e para os olhos do mundo. Senhores, minha luta é um livro aberto, tudo eu tenho feito por uma cidade mais limpa e organizada. Simplesmente por não acreditar que o culpado é o povo e sim os políticos que transformaram o país nesse lamaçal que vítima a população de varíola e febre amarela. Calcei a principal avenida desta cidade, fiz melhorias no porto, vendo minhas mercadorias pelo menor preço, mesmo assim, eles querem dar um *fim* a minha existência. Pois será num tribunal justo que serei absolvido. Eu quero que o povo daqui tenha contato direto com verdadeira cultura humana, trarei os melhores filmes, o melhor teatro, editarei revistas.

CÁRMEM – Sua esposa anda fazendo o maior estardalhaço por sua causa, é triste que um homem com seu espírito, seja obrigado ser encarado, apenas pelo lado sexual, amoroso.

DELMIRO – Mas o que é o homem senão um instrumento deste confortante sentimento? Falam por que eu freqüento prostitutas? Você sabe que este rótulo para mim não existe: “mulherengo”! Estes bestas. Ficam pelos cantos me imitando.

CÁRMEM – Minhas meninas, estão acostumadas a receber, e até príncipes. São treinadas, para isso. Mas que Iaiá, ou melhor, *don*a Maria Anunciada, está passando dos limites, querer mandar fechar o Lilás? Será que não se enxerga aquela caipira? Aquilo não mulher para você. Ela está lhe atrapalhando.

DELMIRO – Já lhe disse que respeito muito a minha esposa. Ela tem lá os seus motivos.

CÁRMEM – Aquela caipira! É por isso que eu digo. Essa história de casamento a pessoa não deve casar jovem.

DELMIRO – E com que idade a respeitosa dama acha que um cavalheiro deva se... casar.

CÁRMEM – Você se casou muito moço meu filho.

DELMIRO – Se eu não tivesse me casado, até hoje estaria por aí sem destino, depois que minha mãe morreu, senti falta de uma mulher ao meu lado, tive que.

CÁRMEM – Menino você nem de maior era, teve que falsificar os documentos, mas agora que você pe homem feito, viajado, não digo letrado, mas, isso não tem importância, você é um homem de negócio mesmo quando se trata de cultura, é como se você estivesse negociando peles, de bode, de carneiro de boi, e você, será sempre o melhor. Nunca vai sofrer por causa de sonhos *maus* porque é um negociante. Mas essa tua mulherzinha é um calo...

DELMIRO – Eu tenho que ir embora, tenho que fechar uns contratos hoje à tarde e ainda que observar os trabalhos finais de construção do hotel do Derby .

CARMEN- Ah, daqui a três meses estaremos no século vinte! Estou tão entusiasmada! É o progresso .Progresso. Nem acredito.Foi tudo tão rápido!

DELMIRO- Lamento informar-lhe que o século vinte, só começa em 1901.

CARMEM- Não para nós:o século vinte já começou,meu querido .E você, me deu o século vinte de presente! (ri, debochada)

DELMIRO – E vou lhe dar muito mais! Eu vou lhe dar um bom dinheiro.

CÁRMEM – Não preciso de um bom dinheiro, qualquer um serve, eu nunca pergunto de onde vem o dinheiro.

DELMIRO – Poderia ficar horas conversando com você, mas tenho que ir embora.

CÁRMEM – Já sei! Negócios, negócios,negócios! (faz biquinho) Sinto-me como se eu também fosse um dos seus *negócios. Mon cherrie!*

DELMIRO – Um negócio? Você? (RI) talvez o melhor de todos. Agora, adeus.

CÁRMEM – Espere aí. Sua mulher está se juntando com umas pessoas de Apipucos para mandar fechar o *Lilás*. Fechar a minha casa! Ciúmes daquela...*cobrazinha*...nojenta!

DELMIRO – Como é que você sabe disso?

CÁRMEM – O que Cármem não sabe? Tome. Coloque esta flor na sua lapela. Esta sua já está murcha.

DELMIRO – Uma flor vermelha?

CÁRMEM – Como eu. Vá amigo. E tire esta idéia estúpida da cabeça de sua mulher. Ou então...

DELMIRO- Ou então...

CARMEN- Eu procuro os negros e faço feitiço. Acabo com a raça dela. Ela que não brinque comigo,Delmiro

DELMIRO – Não se preocupe com a minha mulher, eu vou dar um jeito nela. Adeus! (sai).

CÁRMEM – Ângela! Traga um tacho de água quente preciso me lavar! (entra Ângela).

ÂNGELA – Dona Cármem, está aí um gringo, muito impertinente, o nome dele é... mister Muri, é acho que é assim mister Muri, o safado foi logo me alisando. Eu disse que era virgem e ele riu.

CÁRMEM – Por que você não chamou o Chico, e mandou botar esse sujeito para fora?

ÂNGELA – Porque ele é muito rico. Ele me mostrou o dinheiro e disse que queria o *Lilás* só para ele essa noite.

CÁRMEM – O quê? Ele quer... Escute aqui eu vou me lavar e daqui a meia hora eu desço. E não fique sozinha com esse homem, chame duas das meninas, sim! E avise o Chico do que temos um engraçadinho na casa e me traga água quente logo!

ÂNGELA – Sim, senhora. (sai)

Cena 4

DELMIRO – Iaiá! Quantas vezes eu preciso repetir que você é a coisa mais preciosa que eu tenho neste mundo? Que só você tem a chave que abre o meu coração? É minha esposa, a mais perfeita de todas as mulheres. Foi *você* entre tantas, que eu escolhi para ocupar o lugar da minha mãe.

IAIÁ – Que Deus a tenha. Mas está ficando insuportável. Você está ficando louco! E em *loucos* quer transformar os que estão ao seu redor. Só que comigo não, senhor Delmiro: comigo ,não! Eu estou magoada...muito magoada.É como uma chaga se alastrando pelo meu coração...adoecendo-o ...apodrecendo- o ... (suspira) Acho que nosso amor...nosso amor! (ri) Pois bem...acho que chegamos ao fim...

DELMIRO – Se você está falando sobre Carmem, ela é somente uma boa...amiga. Só isso Iaiá. Somente isso. Uma amiga.

IAIÁ- Vamos esquecer suas outras mulheres. Não é só disso que eu estou reclamando. Essa casa...

DELMIRO – Que é que tem a casa? No Recife não tem melhor

IAIÁ – Que exagero!

DELMIRO – Exagero o quê? Temos do bom e do melhor, personagens do mundo inteiro, artistas, doutores, políticos, negociantes, vieram nos saudar...

IAIÁ – Eu não agüento mais, olhe só para esse bode!Eu odeio este quadro! Isso é coisa de gente que tem a cabeça no lugar? Enfeitar as paredes da sala com essas coisas?(assume ares trágicos) Mas não é somente ao aspecto físico desta casa que me refiro...é algo muito estranho. O amor não está mais nesta casa...estas paredes estão me sufocando

DELMIRO – Eu te amo Iaiá.Eu sempre te amarei

IAIÁ – Acho que tudo entre nós está se acabando por um motivo bem simples.

DELMIRO – Qual é?

IAIÁ – Nós não termos um filho

DELMIRO – Não olhe para mim desse jeito, a culpa não é minha.

IAIÁ – Não estou falando de culpa. Ai,meu Deus! Como está difícil dizer...

DELMIRO- Dizer? O que é que você quer me dizer?

IAIÁ- Eu quero voltar para Pesqueira, para casa dos meus pais.

DELMIRO – Nem pensar nisso. Você quer me arruinar? O que as pessoas diriam de mim? Que não consigo administrar nem a minha casa? (pausa) O hotel está para inaugurar antes do fim do ano.

IAIÁ – Por que você não vai com Cármem?

DELMIRO – Eu deveria largar tudo agora e ir para Europa com você, talvez numa outra lua de mel.

IAIÁ – Você! Você, e esse judeuzinho de merda! Iona, e esses seus amigos estrangeiros podem ir para o inferno, mas não conte comigo para a viagem. Pensa que vai se salvar,Delmiro? Você não é mais aquele homem que eu conheci,pelo qual me apaixonei.Você está se transformando num monstro calculista.(pausa) Mentiroso! Me trocar por estas *mulherezinhas* vulgares! (histérica) Chega ! Está me ouvindo bem? Chega.Eu prefiro qualquer coisa...mas aqui não fico mais nem um segundo a mais .

DELMIRO- Eu tive que fazer de tudo para continuar no topo. Você não entende nada de negócios.A vida não é fácil para mim,você bem o sabe.

IAIÁ- Você pisa em todos que se atravessam no seu caminho. Só pensa em dinheiro...poder. Eu existo, Delmiro. Eu sou uma mulher que só enxerga o desamor em seu marido. Nós não nos abraçamos mais. Parecemos sabe o quê?

DELMIRO- Com o que você acha que parecemos?

IAIÁ- Estátuas...Você não é de ferro. Cuidado. Eu apenas estou acabando com o nosso casamento. Outros virão e acabarão com a sua vida. Não se brinca assim com os outros... Você está atacando gente do governo! E está se apoiando em quem? No quê? Hein? Responda.

DELMIRO – Na verdade. Na força de trabalho. No meu amor pelo povo desta terra.

IAIÁ – Amor de espada é sangue! (ri) Quero ver só! Eles ameaçaram destruir o mercado do Derby! Com eles não se brinca, não é só a mim que você está irritando com essa sua ironia, com esta sua prepotência horrorosa!Tão impecavelmente vestido (circula Delmiro ironicamente) Sempre de branco!(apalpa-o) Músculos rígidos. Pele bonita. Tons róseos em face digna. Parece limpo... Mas por dentro você está ficando sujo, meu querido. Uma sujeira que não se lava. Está ficando indiferente...você me esqueceu, meu marido. Você destruiu minha felicidade...nosso casamento.

DELMIRO – Não confunda as coisas. Não misture sentimentos com negócios. Uma coisa é você querer se separar de mim, outra é me detratar perante a sociedade.Se você me abandonar agora...

IAIÁ – Vai ser ruim para os seus...negócios (Chora um pouco). A sociedade recifense que vá para o inferno! E pelo calor que faz aqui acho que estamos todos dentro do inferno, mesmo!

DELMIRO- Pense bem no que está para fazer. Veja o que vai fazer comigo! (ameaçador) Não haverá retorno. Fique ciente disto.

IAIÁ- E o que é que você faz comigo? Todo mundo sabe dos seus casos amorosos. A sociedade toda ri de mim.

DELMIRO – Se não fosse minha astúcia...e ajuda dos meus amigos,eu estaria morto .Recife tramou minha morte no Rio de Janeiro...

IAIÁ – Vá confiando nos seus *amigos*

DELMIRO – Não entendo você... logo agora que estamos no melhor da festa, você quer sair...

IAIÁ – Eu preferia quando não éramos ricos e meus parentes nos ajudavam.Não nos fica bem dizer mais nada. Adeus, Delmiro. Saiba que eu estou morta. (lastima) Eu te amei tanto...e veja o que restou de mim...

Cena 5

O pessoal do Lilás canta:

Você me ama muito, é o que diz
Eu fico muito feliz
Mas eu preciso da *plata* meu bem
Não posso viver sem vintém

A vida não fácil, todo mundo sabe
Não há bem que nunca se acabe
Por isso eu tenho que me cuidar
E meu dinheirinho guardar

CÁRMEM – Como é que você tem coragem de vir na minha casa? Já não disse que não aceito negócio com você? Não dá certo trabalharmos juntos... você me machucou *muito* daquela vez.

MR. MOORE – Só porque lhe disse a verdade? Que você é uma provinciana tímida, e inexperiente? Querida... pense bem, o próprio Delmiro vai terminar do nosso lado. É uma questão de tempo.

CÁRMEM – Você tem razão, não posso me comparar a você. Nos Estados Unidos vocês têm mais... como é que eu posso dizer?

MR. MOORE - Chances.

CÁRMEM- É. Pode ser. Mas o meu negócio eu sei *administrar* muito bem. Isso me satisfaz. Não vai me meter nessa sua história.

MR. MOORE – É incrível. Eu te ofereço uma chance de ficar rica. E de... servir à pátria. Você seria perdoada por tudo que já fez de errado.

CÁRMEM – Que história é essa ? Não me considero uma errada e acho que ganho dinheiro suficiente com o meu cabaré.

MR. MOORE – Poderíamos transformá-lo num novo Moulin Rouge, igual àquele que tem em Paris, você já foi à Paris?

CÁRMEM – Ora... Paris! Não me venha com ironias

MR. MOORE- Não é ironia nenhuma. Estou aqui para colocar o mundo aos seus pés. (Agarra Carmem por detrás) Ah, minha brasileirinha! Só existem 3 regras nesta vida

CÁRMEM- É? Quais são?

MR. MOORE- Primeira: tem sempre uma vítima. Segunda: não seja ela

CÁRMEM- E a terceira...?

MR. MOORE- Esqueci

CÁRMEM- O negócio com vocês americanos é na base da piada. Eu não preciso ir até Paris. Paris vem até mim. Visto que no cais do Porto de Recife nenhuma outra casa é mais famosa que o Lilás. Muitos parisienses já vieram nos render graças.

MR. MOORE – Então vamos esquecer esse negócio com Delmiro Gouveia, por enquanto. Mas lhe digo, que ele é mais esperto que você. Enquanto você fica aqui esperando que o mundo venha até você, ele corre mundo.

CÁRMEM – Umas das minhas virgens disse que você, a molestou, e que propôs um negócio.

MR. MOORE – Sim. Desejo: quero arrendar o lilás só para mim esta noite.

CÁRMEM – Você tem dinheiro suficiente?

MR. MOORE – Até para comprá-lo se você quiser.

CÁRMEM – Nunca eu venderia o Lilás. Que é que você tem em mente? Fazer uma festa aqui esta noite. Pretende trazer muita gente? Olha que eu imponho condições. Não é só o dinheiro.

MR. MOORE – A festa é só para mim.

CÁRMEM – Não é nada inteligente da sua parte pagar por tudo quando bastava se divertir como qualquer um

MR. MOORE – Quero me sentir como se fosse o dono. Então negócio fechado?

CÁRMEM – Pagamento à vista.

As meninas do Lilás cantam com Carmem

REFRÃO:

O século vai acabar

O mundo vai disparar

Na maxambom bombom bombom bombom bomba!

As meninas são grandes artistas e fazem tudo esquentar

Faltam poucos segundos,pro velho mundo acabar!

Champanhe por todo canto.Festa até não querer mais

O melhor é brincar. Deixem o horror para trás!

Um novo mundo mais livre é o que se anuncia

O circo vai ser pra todos.Pão nosso de cada dia!

10 9 8 7 6 5 4 3 2.. é agora!

Eh! Viva o século vinte!

Viva!

Ele vem para acabar com a fome

Assim , o governador falou

que com a nova república tudo já melhorou

muito peixe muita fruta, muito feijão pro pessoal

aquele crioulo rindo, de carruagem vai andar

vai escolher um presidente

e na boca ter todos os dentes.

(repete refrão)

MR. MOORE – Bravo! Lindas! *Very good. Very,very,very ...Good!*

CÁRMEM – Ah! Mister Moore eu não pensei que fôssemos nos divertir tanto esta noite. Uau! Fechei um século com chave de ouro.

MR. MOORE – Com o ouro que eu vou lhe dar, dá para você construir um palácio, para você fechá-lo também com chave de ouro. Ah! minha brasileirinha adorável. Me agarre!

CÁRMEM – Ainda bem que você quer se agarrar comigo e não com o Delmiro. Eu já estava ficando ir-ri-ta-da com toda aquela *história*.

MR. MOORE – Você sabe que é o meu trabalho, querida! Meu emprego na América depende das negociações que eu fiz com Delmiro, aqui.

CÁRMEM – Delmiro disse que não queria *negócios* com gringo

MR. MOORE – Mentira dele!

CÁRMEM – E você quer levar Delmiro para América, é?

MR. MOORE – Não e sim.

ÂNGELA – Dona Cármem acuda! Tem um homem aí fora dizendo as maiores loucuras, diz que o grande mercado do Derby foi destruído por um incêndio e que seu Delmiro enloqueceu, deu na cara da esposa dele dona Iaiá, na frente de todo mundo, disse que não queria mais nada nem com ela, nem o século 19! A polícia está se mobilizando para prendê-lo.

DELMIRO – (em off) Cármem!

ÂNGELA – Meu deus! Isso é o doido!

CÁRMEM – Respeito, menina! O que é isso? Saia um pouco e se acalme. Mande Delmiro entrar, antes dele subir, pergunte se ele precisa de alguma coisa, sirva-o com o que temos de melhor, como sempre!

ÂNGELA – Sim senhora. (sai)

CÁRMEM – O que terá acontecido?

MR. MORRE – (cínicamente) não faço a mínima idéia! Só sei que as águas estão correndo para o meu lado.

DELMIRO – (entra meio sem fôlego) aconteceu o pior.

MR. MORRE – Eu aluguei esta casa hoje só para mim. Saia daqui!

DELMIRO – Quem é esse homem, Cármem?!”

MR. MORRE – Não lembra de mim Delmiro? Em Niágara, naquela cachoeira?

CÁRMEM – Huum! Que história essa?

DELMIRO – Moore? É claro. Como não o reconheci antes?! Sim! Agora me lembro. Como veio parar aqui no Recife?

MR. MOORE – Vim lhe procurar Delmiro. Vim somente por sua causa. Vim lhe propor um negócio. Algo que vai mudar a sua vida com-ple-ta-men-te!

DELMIRO – Eu estou arruinado. Meus planos foram destruídos. Carmem, o meu mercado...o mercado que eu construí com tanto sacrifício! O meu sonho...tudo destruído. Aqueles miseráveis...incendiaram meu mercado, e roubaram todo meu dinheiro. Agora os próprios criminosos querem me prender e matar, como sempre!

MR. MOORE- (cínico) Como assim? O seu negócio...aquela mina de ouro chamada “Mercado do Derby”... is ...burning? Está...pegando fogo?

CÁRMEM- Um incêndio? Criminoso? Como Explique...Mas antes se acalme um pouco você está tão vermelho que parece que também está pegando fogo por dentro!

MR. MOORE- Eu pensei que estava tudo em paz com você

DELMIRO- Nem o homem mais bondoso pode viver em paz se o vizinho assim não o quiser

CÁRMEM – Calma meu bem. Relaxe.

MR. MOORE – Venho lhe propor excelente negócio: energia elétrica igualzinha a da América!

CARMEM- (sussurrando no ouvido de Delmiro) Algo me diz que você não devia confiar nele

DELMIRO – Na situação em que me encontro eu negociaria qualquer coisa. Como faremos? Primeiro eu tenho que sair do Brasil por algum tempo.

MR. MOORE – Perfeito! Eu lhe providenciarei tudo. Que tal um giro pela América e um pela Europa?

DELMIRO – Vamos jogar alto, hein?...

MR. MOORE –Time means money.Vamos agir

CÁRMEM – Hei! E a minha festa?

MR. MOORE – Eu lhe pagarei em dobro. Então (a Delmiro) amigos?

DELMIRO – Quando partiremos?

MR. MOORE – Por mim pode ser agora mesmo.

DELMIRO – Cadê Eulina? Cármem?

CÁRMEM – Que é que você quer com ela?

DELMIRO – Levá-la comigo nesta viagem.

CÁRMEM – Delmiro

CÁRMEM – Você está procurando sarna para se coçar.Eulina é quase uma criança! E além do mais esta menina é protegida do governador

DELMIRO – E eu tenho a ver?

CARMEM- E sua mulher? O que aconteceu?

DELMIRO- Iaiá me abandonou. Disse que vai voltar para Pesqueira. O Recife está contra mim,Carmem. Mas eu vou dar a volta por cima. Ninguém pode me fazer sentir inferior. Eu sou Delmiro Gouveia!

MR.MOORE- Não seria aconselhável levar uma jovem... esta dona Eulina...está me cheirando a confusão

DELMIRO- Pode ser. (morde os lábios)Vou pensar. (respira fundo)Mas aquela mulher vai ser minha!

CARMEM- Eita,macho ! Calma. Vamos tomar uma *ca-cha-ci-nha*.Tudo há de se resolver.

MR.MOORE- A bebida é uma morte lenta

CARMEM- E quem está com pressa? (ri)

Cena 6

O Recife canta:

A luz! A luz! Energia elétrica
Que bom ! Que bom! O fim da escuridão tétrica!
Eu sei.Eu vi!E muito me admiro
Foi ele.O rei.O homem chamado Delmiro

Se foi,não sei.Com dinheiro estrangeiro
Só sei que vi...Delmiro voltou bem ligeiro
A luz! Sem cruz! É o que eu disse é o progresso
A luz!A luz! Vai ser o maior sucesso

GENERAL DANTAS BARRETO – Eu não disse que vencia esta eleição? Que o povo me apoiaria em massa?Que tudo transcorreria em paz?

BOBO – Paz que nasce da covardia é nociva. E de mais a mais ... o povo não tinha a *menor* escolha, entre você e o conselheiro Rosa e Silva, e agora que você está no poder vai fazer tudo que prometeu?

GENERAL – Claro! No devido tempo, no devido tempo.Gata apressada pare gatos típicos

BOBO – Vai lutar contra a oligarquia dos usineiros?

GENERAL – Ora! Os usineiros não precisam de que alguém os destrua! Eles próprios se encarregam de se *destruir uns aos outros*. Esse açúcar que fabricam aqui nem eles agüentam comer, matam os empregados de fome ou de pancada.

BOBO – São donos, de todo o comércio, e estão representados em todos os segmentos da sociedade.

GENERAL – Farei amizade com todos. Cadê o tal Delmiro Gouveia. Já chegou?

BOBO – Faz meia hora que espera aí fora. Com cara de tacho. (ri) Sabe o que ele quer?

GENERAL – Como não saber? A cidade toda está comentando. É uma usina hidrelétrica não é?

BOBO – Sim. Quer iluminar o nordeste com as tais lâmpadas elétricas! Hum! (riso sinistro) Não dê ouvidos a esse sujeito ,meu general, ele é um encrenqueiro! Só vive a-pron-tan-do, não vai pegar bem, o senhor mal assume o poder e já vai ajudando um tipinho destes!

GENERAL – Eu sei o que faço! (Ajeita-se) Mande-o entrar.

BOBO – Pois não (torce o nariz)Depois não diga que (respira fundo) ...eu não avisei... (bobo sai e entra com Delmiro)

DELMIRO – Bom dia general, meus respeitos. Finalmente temos um homem no poder

GENERAL – Seja rápido meu caro, tenho muita coisa para despachar hoje, a fome do povo tem que ser saciada.

DELMIRO – Sei que o senhor deve ter ouvido falar de mim.

GENERAL – Sim. O que você quer? Emprego para alguém de sua estima? Quem é? Alguma de suas menores? Soube que o senhor raptou a jovem Eulina. Que escândalo senhor...Delmiro Gouveia.Que escândalo.

DELMIRO – Péssima maneira de se começar uma conversa tão séria, uma conversa que poderia até mudar os rumos do país.

GENERAL – Sempre querendo jogar alto. Não é?

DELMIRO – Vou direto ao assunto. Estive recentemente na América e na Europa e tive oportunidade de ver as maravilhas que proporcionam a energia elétrica: grandes indústrias, e tantas outras inovações proporcionadas pela energia elétrica. Ruas iluminadas, e outras novidades que atizam a imaginação.

GENERAL – É mesmo? (querendo se livrar de Delmiro o mais rápido possível,por considerá-lo trapaceiro) O que é que o *senhor* propõe?

DELMIRO – Quero ter sua permissão para instalar em Pernambuco postes para sustentar os fios de energia elétrica.

GENERAL - E de *onde* virá esta energia?

DELMIRO – De Alagoas meu caro, quer dizer, do São Francisco, aqui estão os papéis, os projetos...

GENERAL – Os projetos. Já me falaram dos seus projetos. (rejeita os papéis) Capital estrangeiro hein? Eu não quero que estes americanos nos dominem. Está entendendo?

DELMIRO – Mas assim teremos a energia elétrica mais barata do mundo! E eu estarei à frente de todos os negócios. Não tem como dar errado. Pernambuco vai ocupar novamente o papel que a história lhe reservou. General Dantas Barreto! Pense bem: estamos debaixo do mesmo céu!

GENERAL- Mas com diferentes horizontes, senhor Delmiro. Diferentes horizontes.

DELMIRO- Já vieram lhe envenenar contra mim. Não foi? Vieram lhe contar mentiras sobre mim. Me difamar! É só o que fazem aqui no Recife! Invejosos.

GENERAL- Há um silêncio constrangedor quando o assunto é Delmiro Gouveia, aqui no Recife...

DELMIRO- As mentiras mais cruéis são ditas em silêncio. Não é General Dantas Barreto. E eu que pensei que com o senhor no poder, as coisas mudariam. Mas tanto faz um trabalhador ou um senhor de engenho.

GENERAL – Vamos encerrar esta conversa de uma vez! Tenho ordens para recusar qualquer projeto de iniciativa privada principalmente se esta estiver metida com capital estrangeiro, já conheço suas histórias.

DELMIRO – Mas...

GENERAL – Sem mais... ordens do presidente Hermes da Fonseca. Passar bem. (Delmiro sai)

BOBO – Bem feito esse sujeito parece que tem o rei na barriga, não sei como ele enriquece tão rápido, de onde virá tanto dinheiro?

Cena 7

Eulina e a Irmã de Delmiro dona Maria.

EULINA – Eu com 20 anos já mãe de 3 filhos jogava aqui nessas brenhas! Que vida meu Deus que vida.

MARIA – Eulina! Você é muito da mal agradecida, isto sim. Seu marido transformou este vilarejo, quando ele chegou era só mato, agora é o lugar mais importante do país, vamos ter até energia elétrica, você devia se orgulhar de ser esposa do pioneiro e mãe dos seus filhos.

EULINA – Vá para o inferno, fique com a honra você que é irmã dele! Sua Hidra! Você toma conta dos meus filhos.

MARIA – Eulina! Será possível que você não enxerga aonde podemos chegar, se nos unirmos?

EULINA – Ah! Maria Augusta! Não vê que eu não quero me unir a você?(Grita) Não percebe que não quero morar mais nesse interior dos infernos! Já estou cheia! De ficar aqui sozinha, eu quero a cidade quero movimento, *frisson!* Seu irmão Delmiro quer acabar com minha juventude! Ele está sugando minha vida! Eu quero sair deste inferno!

MARIA – Ele lhe dá roupas, das melhores! Jóias. Não reclama porque você anda nua a cavalo e toma banho de cachoeira nua também

EULINA – Eu fico nua onde eu quiser ...(parece meio louca) Pedra...que nome ridículo! Pedra! (chora um pouco) O diabo perdeu as botas aqui...aqui o vento faz a curva.Só tem este calor horrível...esta poeira...esta gatinha mal educada! Eu me sinto morta...enterrada viva, aqui!

MARIA – Meu irmão se arriscou por você praticamente tornou-se um criminoso por sua causa! Nós lhe tratamos tão bem, eu meu filho Osvaldo...Nós somos uma família feliz.Não somos?

EULINA – Escute aqui, dona Maria Augusta: a senhora e seu filho Osvaldo vão para merda! Já estou farta de suas intrigas vis! Raça excomungada. Bando de mentirosos! E quanto a Delmiro ter-se tornado “criminoso” por minha causa. Ele tinha era *tara* em mim! Ou coisa pior! Me enganou...me arrastou pra esse lugar maldito...essa gentalha ignorante que mete medo...esse deserto sem fim... Por minha causa! Por minha causa uma ova! Ele quis foi implicar com o governador quando me raptou! Me prometeu mil coisas para depois me jogar nesse fim de mundo! (grita) Tomara que o governador de Pernambuco mande prender Delmiro! Já fiz uma carta, dizendo que estou desgostosa de tudo. E vou-me embora!

MARIA – Você o quê?

EULINA – Escrevi uma carta! Eu quero sair deste lugar, não agüento mais Pedra, nem Alagoas, lugarzinho detestável, esses matutos, que não sabem de nada. Mas eu sei: seu irmão é um mentiroso!Um oportunista! Um depravado!

MARIA – Sua horrorosa! Lave essa boca.

EULINA – Horrorosa é você. Abandonada pelo marido! Fica tomando conta do marido dos outros!Vá cuidar desse seu filho *afeminado* que é o melhor que você faz. Sua idiota! Pensa que eu não conheço sua raça? Pensa que não sei como Delmiro tratava a primeira esposa dele? Pobre da dona Maria Anunciada! Me disseram que ele até batia na pobre dona Iaiá

MARIA – Mentiras! Todos têm inveja do meu irmão!(tosse) E você? (esboça riso cínico) Hein? Será alguma santa? (pega Eulina pelo braço) Olhe menina: se Delmiro me chamou

para morar aqui em Pedra, foi porque *você* não sabe administrar uma casa, cuidava dos seus filhos *direito*.

EULINA – (livrando-se de Maria) Me solte sua doente! Pois agora, nem *direito* nem esquerdo! Vou embora

MARIA – Ah! não vai não!

EULINA – (ri) ora se não vou! Pode ficar com tudo com a cachoeira com a energia elétrica com seu irmão e com meus filhos. Vou voltar para o Lilás! Lá é o meu lugar. Não nasci para mãe de família! Nasci para me consumir no fogo das cidades!

(As duas calam-se subitamente. Delmiro vai entrando com Iona, seu sócio)

IONA – Eu não vejo mais saída

DELMIRO – Pois eu vejo milhares, aqueles pobres que vimos na estrada, eles não tinham o que comer, nem onde dormir. O que fizeram?

IONA – Invadiram suas terras, fizeram uma choupana de improviso e roubaram suas plantações!

DELMIRO – É isso que nós vamos fazer!

IONA – O quê? Roubar plantações e invadir terras?

DELMIRO – Não! Fazer tudo por nossa própria conta!

IONA – **Como?**

DELMIRO – Os americanos me deram um adiantamento. Pois eu não vou devolver este dinheiro agora, vou investir numa fábrica.

EULINA – Onde? Na cidade? (nervosa). É?

DELMIRO – Não. Aqui mesmo no interior de Alagoas.

MARIA – Que confusão meu Deus. E essa fábrica vai ser movida a quê? A querosene? (ri)

DELMIRO – Não! a energia elétrica! Vou construir uma fábrica de linhas e de tecidos, e farei uma usina hidroeétrica para meu próprio uso, isto é para mover minha fábrica. Vou ganhar muito dinheiro, e vou poder educar o povo desta região. Farei escolas, parque de diversão, cinema teatro. Estamos em 1905, o Brasil está se acabando em pobreza e doenças. Mas eu sei como acabar com isso.

EULINA – Delmiro, eu vou embora!

DELMIRO – Embora? Para onde?

EULINA – Para o Recife para o Lilás. Não agüento mais essa solidão.

DELMIRO – Que solidão? Só porque eu tenho que viajar tanto, mas isso é assim mesmo. Temos que enriquecer e ajudar nosso povo!

EULINA – Fique rico e ajude o *seu* povo. Eu só quero me divertir.

DELMIRO – É a segunda vez que uma esposa me abandona! E nossos filhos?

EULINA – Sua irmã saberá educá-los melhor do que eu. Cansei, Delmiro! Quero o Recife quero a vida! Quero refinamento. Qualquer coisa menos ficar aqui. Eu não agüento mais você...este lugar horrível. Adeus! (sai)

DELMIRO – Eulina!

MARIA – Não tem jeito Delmiro! É deixar que ela parta e pronto essa menina não tem juízo, arranje outra mulher, talvez uma menos venenosa quem sabe a Jovelina, você anda de agarramento com ela não é?

DELMIRO – Iona, pare de mastigar esses amendoins, que está me irritando.

IONA – Não venha descarregar suas frustrações em cima de mim. Não tenho culpa se os negócios vão mal e sua mulher lhe abandonou.

DELMIRO – Os negócios vão bem e mulheres eu tenho várias ao meu dispor!

IONA- Bravo! É por isso que você é meu herói (ri)

DELMIRO – Não vai ser por causa de Eulina que vou desfazer os meus planos. Ela que vá para a cidade se acalmar um pouco. Depois eu resolvo isto. (olha para o horizonte por uma janela) A revolução está a caminho Iona. E a passos largos

IONA- Eles queiram que o Brasil inteiro se transforme como em Canudos, onde mataram 5 mil pessoas, ou em Juazeiro com os loucos guiados por padre Cícero, que empunharam armas e querem tomar o governo.

DELMIRO- Eu não tenho saída a não ser lutar, e a lutar eu vejo nosso povo cada vez mais destruído. Eu vou reinventar este lugar!. Vou construir uma cidade como nunca ninguém viu,aqui no interior.E quando todos me têm por derrotado ou esquecido, eu vou me reerguer... as idéias estão na minha cabeça!

MARIA – Meu irmão, eu nunca lhe tomei por um *derrotado*. Desde pequenos sempre nos entendemos muito bem. Eu confio em você, acredito na sua misericórdia e acredito que você é como um profeta e que o São Francisco é o Jordão, o nosso rio Jordão.Você é como um novo Moisés, você guiará nosso povo.

IONA – Tem dinheiro suficiente para montar tudo? A fábrica e a usina de eletricidade?

DELMIRO – Sim daquela cachoeira ,eu que tirei energia. E bem aqui, onde estamos pisando, eu erguerei uma cidade, uma cidade que vai se espalhar pelo país inteiro, recoberta de energia, iluminada de amor e eletricidade.

IONA – Quantos empregados? E que tipo gente contrataremos não é fácil conseguir operários, um *matuto* não sabe nem o que é um *operário*. (dá uma tragada no charuto) Estamos no século dezenove praticamente e olhe lá.

DELMIRO – Estamos no século vinte! E esses nossos *matutos*, não são gente cheia de verminoses e preguiça não.O mal se situa na má administração da verba pública, e da falta de inteligência mesmo! Falta capacidade e não dinheiro na administração pública. Ninguém aqui deixa que os outros mostrem do que são capazes. Sem fanatismo, sem banditismo. Jogo limpo!

MARIA – Quantas pessoas virão morar aqui?

DELMIRO – Umas cinco mil

MARIA – Como? (espantada) Tanta gente?

DELMIRO – Isso é só no começo. Veja: A seca destruiu muitos lares, a miséria do sertão é imensa, o governo nem se dá conta desse povo do São Francisco, nós temos a força! Aqui está o Brasil, o resto é invasão estrangeira!

IONA – Sou judeu europeu, e contribuo com os negócios do seu país.

DELMIRO – Não me refiro a isso. Chamarei técnicos estrangeiros, contratarei professores...

MARIA – Que maravilha! Poderemos ensiná-los através da arte e das ciências a maneira de serem práticos e objetivos e a própria natureza deste lugar os transformará em seres amorosos e gentis.

DELMIRO – Não exagere, Maria. Quero transformar esses camponeses em cidadãos respeitáveis e conscientes, vesti-los e colocá-los em contato com o futuro deles, isto é: com as maravilhas do mundo industrial e...

IONA – E...eles vão preferir, tomar um copinho de cana, fumar um cachimbo de barro e dormir! Transformar esses matutos em operários educados e cultos, ah! esta eu quero só

ver! Um Don Juan como você, guiando essa manada. Agora não tenha dúvida: se conseguirmos mesmo montar essa fábrica de tecido e linhas, ficaremos mi-li-o-ná-rios!

DELMIRO – Sim

MARIA – Milionários? (fica pensativa) Será mesmo, senhor Iona ?

IONA – A *machine cotton*, que fabrica as linhas *Corrente*, é a única no ramo e está na maior dificuldade de enviar carregamento para lado de cá da América, pois a Inglaterra está em guerra na Europa. O momento é para o novo mundo se fazer. A América do Norte, por exemplo, está a todo vapor!

DELMIRO – Eu já aprendi muita coisa e estou pronto para jogar alto.

IONA – Quando começamos os preparativos?

DELMIRO – Agora! Vamos começar com o plano de irrigação, quem tem água não morre pagão!

e a cidade se ergueu da noite pro dia
o milagre espantou Iona e Maria
gente apareceu de todos os cantos
milhares vinham aos bandos
querendo conhecer coronel Delmiro
muitos diziam que ele era um santo
emprego para quem chegasse
comida e educação
nova Roma Novo patrão
Minha mãe o que é aquilo que vem assombrando a gente?
é o carro de Delmiro com o fogo aceso na frente
tem duas coisas no mundo, que eu vejo e me admiro
é o trem lá de Piranhas e o carro de Delmiro.
Ele inventou um lugar que nem cadeia tinha
ninguém cuspi no chão
nem dormia até meio-dia
a fábrica
prosperou, tanto dinheiro se viu
que do dia para a noite era a mais rica do Brasil.
Mas as bruxas reunidas sempre aprontam o pior
naqueles dias escuros
te esconjuro; era maior.
Os ingleses enraivecidos, e os vizinhos *despeitados* que não presta
se juntaram com uns cabra ruim e queria acabar a festa

Cena 8

(Toda esta cena é um **sonho** que Delmiro tem. A direção deve deixar isto bem claro. Ele está cochilando na varanda da sua residência, depois de ler o jornal. Depois do sonho ele é assassinado a tiros)

JOHN – Esta fábrica do senhor Gouveia não é boa, quando se trata das relações da Inglaterra com o Brasil. Nós já tentamos de tudo para convencer Delmiro no sentido de que uma sociedade seria bem mais... eficaz: Mas o homem é uma mula. Nada desta fábrica de linha com milhares de operários, e querer destruí-la porque está atrapalhando nossos negócios na América Latina. E o senhor, Sr. José Rodrigues? O senhor que é dono das terras nas quais Delmiro planta algodão que usa na fábrica. O que me diz do seu vizinho, Delmiro?

VIZINHO – Eu também não gosto de Delmiro! Sujeitinho atrevido, quantas vezes me afrontou. Nojento, vai ter um fim triste! Foi ele mesmo que procurou. Ele usa as águas que passam por minhas terras. Usa meu barro para fazer tijolo, e a minha madeira para fazer suas cercas! Filho de uma égua. O diabo que lhe carregue! Cearense desgraçado, filho de mulher da vida!

GOVERNADOR – Concordo com você José Rodrigues. (pigarreia) Eu não gosto dele porque ele é desaforado e atrevido. Em política temos que ser hábeis. Mas com Delmiro Gouveia não há diálogo. Ele só pensa em si mesmo e em ficar cada vez mais rico. Tentamos prendê-lo por falência fraudulenta, por sedução e rapto de menor. Uma vergonha: se amancebar com uma menina daquelas! Mas o infeliz se safou de tudo. Parece peixe ensabado!

JOHN – Ele se aproveitou desta guerra infame, quando os navios ingleses não podiam cruzar o Atlântico, que estava infestado de navios alemães. Já tentamos comprar a fábrica e ele não quis vender. Pior para ele, que tudo vai perder!

VIZINHO – Eu quis comprar a metade da hidrelétrica ele também não quis.

GOVERNADOR – Pois eu não quero mais *negócio* com ele. Tenho a solução.

JOHN e VIZINHO – Qual?

GOVERNADOR – Contratamos uns capangas e mandamos matá-lo. No meio de tanta notícia ruim que vem da guerra na Europa, é a primeira guerra mundial depois de anos! E a capital federal também está em polvorosa. Com esta história de comunismo que está se espalhando no país. Qualquer movimento para destruir os operários será bem aceito. Imaginem: todos aqueles sertanejos, exigindo seus direitos!

VIZINHO – A cada dia a fábrica cresce mais! Tem uns 10 mil empregados.

JOHN – Olhe! Que perigo! Lembre-se na Rússia começou assim. Não podemos deixar que os trabalhadores se unam. Nem que o povo converse sobre assuntos sérios.

VIZINHO – Eles tem do bom e do melhor lá! Cinema, roupa comida tudo! Banda de música energia elétrica, água encanada.

JOHN – Essa moleza vai acabar. Atirando em Delmiro, nós destruiremos a fábrica! (riem)

O Povo canta:

Quando Delmiro chegou, naquele triste lugar
Aquilo era um deserto, de ninguém querer morar,
Não tinha casa, nem gente, nem estrada para passar

Terra de pedra e espinho, de macambira rasteira,
naquele sertão medonho, só se ouvia a vida inteira
o ronco da cangaçu e o ronco da cachoeira

Minha mãe o que é aquilo, que vem assombrando a gente?
É o carro de Delmiro com um fogo aceso na frente

Tem duas coisas no mundo, que eu vejo e me admiro:
É o carro de Delmiro

LAMPIÃO:

Em toda a minha vida, nunca fui cabra de peia,
Antes de ser cangaceiro, respeitei a vida alheia
Trabalhei e *almocrevei* pra seu Delmiro Gouveia

TODOS:

O dia de Quarta-feira, foi um dia de horror
Mataram Delmiro quando a fábrica apitou
Delmiro estava no jardim, com o seu jornal na mão
Quando recebeu os tiros, em cima do coração

Mataram o senhor Delmiro num dia de Quarta-feira
Mandada por Zé Rodrigues, foi aquela cabroeira

Não chore dona Jovem, console o senhor Firmino
O Delmiro perguntou: Já passaram os assassinos?

O dia de Quarta-feira, foi um dia de aflição
Mataram o senhor Delmiro! Ai, que dor no coração.

Três cachorros ele tinha: Tupi, Mandarin e Chaleira
Que naquela data maldita, uivaram dia /noite inteira

Quando o enterro de Delmiro foi pela rua passando
Parece que a gente ouvia a cachoeira chorando

Quando Delmiro morreu, o povo todo chorou
Somente sua mulher, uma lágrima não botou

Ele tinha ímã nos olhos, chega dava um nervoso
Tanta gente que o amava, pra outras era pavoroso
Nos tirou do xique-xique, da macambira comer

Fez da gente operário. Fez chão seco, renascer
Cachoeira é abismo, como animal a ranger
Qual gigante enfurecido, energia a não poder
Lá da Europa é safadeza, os preços manipular
Chantagearam Delmiro (Dumping): preços despencar

Eram vários interesses, num jogo de assombração
Deus do céu que nos acuda de tamanha perdição
Dia e noite bala e reza, olhos sem pestanejar
Tanta vontade se cruza no sertão pra cá do mar

CARPIDEIRAS:

Uma *incelença*, pra um grande homem, agora
Foi o nosso coronel acertado em má hora
Minha Virgem da Conceição, te pedimos numa reza
Pela alma desse homem, que só gente ruim despreza
Destruíram, destruíram todo esforço de Delmiro
Desuniram, desuniram, mas um dia voltaremos
Pois sonho sempre renasce e de novo venceremos
Admiro, admiro: viva o sonho de Delmiro!

FIM